

NAS VÉSPERAS DO REGICÍDIO

Regicídio significa «assassínio de um rei». Nos muitos anos de monarquia portuguesa houve um único rei que morreu assassinado: D. Carlos I.

Quando subiu ao trono (1889) corriam tempos difíceis. Tinham falido bancos, empresas, havia muita gente no desemprego, os ordenados eram fracos e os horários de trabalho chegavam a ultrapassar dez horas por dia. O descontentamento levou muitas pessoas a pensar que um rei já não servia para resolver os problemas do país e que o melhor seria a República. Também houve muita gente que se organizou em sociedades secretas, reunindo-se às escondidas para planejar revoluções.

Para complicar a situação, os Portugueses sofreram um vexame infligido pela Inglaterra, o ultimato inglês. Foi em 1890, quando os países europeus se ocupavam a partilhar entre si o continente africano. Cada governo queria a maior fatia possível. Portugal ocupara a Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, zonas da costa de Angola e de Moçambique. Na altura de traçar fronteiras, entendeu que, devido aos Descobrimentos e às expedições efectuadas pelo interior, tinha direito a ficar também com a faixa de terra entre Angola e Moçambique. A França e a Alemanha concordaram, mas a Inglaterra não, porque pretendia dominar os territórios entre a cidade do Cairo, no Egipto, e a cidade do Cabo, na África do Sul. Para obrigar Portugal a desistir, lançou um ultimato: ou as tropas portuguesas se retiravam imediatamente daquela zona ou a Inglaterra declarava guerra. Ora como na época não havia hipótese de enfrentar um país tão poderoso, o rei e os governantes cederam. Mas o povo não aceitou nem compreendeu. As pessoas sentiram-se humilhadas, acusaram o rei de ser incompetente e fraco, organizaram manifestações pelas ruas a fim de queimarem bandeiras inglesas e exigiram que a bandeira nacional fosse posta a meia-haste em sinal de luto. Foi no meio dessa onda de reacções negativas que o compositor Alfredo Keil se atirou ao piano e compôs uma espécie de marcha militar em que vibrava toda a sua raiva contra os Ingleses.

Depois dirigiu-se a casa do poeta Henrique Lopes de Mendonça, que morava num quarto andar, subiu as escadas esbaforido e pediu-lhe uma letra que encaixasse naqueles acordes e desse voz à revolta que se gritava nas ruas.



Trabalharam juntos alguns dias e logo que o poema ficou concluído deram-lhe o nome de *A Portuguesa*. Começava assim: «Heróis do mar, nobre povo...»

A primeira edição da música e texto foi paga pelos próprios autores. Teve uma tiragem de 12 000 exemplares, que se esgotou imediatamente! A partir de então, nas ruas, nos cafés, nos clubes, nos teatros, cantava-se a toda a hora: «Heróis do mar, nobre povo...» E era a música de toda a gente. Os revolucionários republicanos tinham-lhe um apreço especial porque, além de o poema lembrar a História de Portugal sem nunca falar no rei, incitava ao combate.

MATARAM O REI!

Depois de várias revoltas dominadas pelas autoridades, chegou o dia fatídico. Dois homens que pertenciam a uma sociedade secreta chamada Carbonária foram encarregados de assassinar D. Carlos. Forneceram-lhes armas e eles arranjaram roupa própria para as camuflar. Sabiam que a família real estava numa caçada em Vila Viçosa mas regressaria a Lisboa no dia 1 de Fevereiro de 1908. Como nesse tempo ainda não havia pontes sobre o Tejo que servissem a capital, tinham que atravessar o rio de barco e desembarcar no Terreiro do Paço. Quando isso acontecia juntava-se sempre imensa gente para os ver passar de carruagem; seria portanto o momento ideal. Os assassinos juntaram-se à multidão, esperaram que o coche em que viajava o rei ficasse ao alcance das suas balas e depois não hesitaram. Um deles disparou à distância, o outro saltou para o estribo e disparou o carregador nas costas do rei, matando também o príncipe mais velho e ferindo o mais novo. A rainha D. Amélia levantou-se espavorida e tentou defender o marido e os filhos, batendo no assassino com um ramo de flores. A multidão corria desvairadamente aos gritos: «Mataram o rei! Mataram o rei!», e guardas abateram ali mesmo os assassinos.

